

A POLÍTICA NA ERA DA SOCIEDADE TECNODIGITAL

Elivanda de Oliveira Silva¹

Resumo:

A presente investigação analisa o pensamento de Hannah Arendt acerca da alienação do ser humano na modernidade e as implicações desse processo na crise política que se gesta na sociedade tecnodigital no cenário atual. Para essa discussão, além das contribuições teóricas de Arendt, exploraremos hermeneuticamente a apropriação que Byung-Chul Han realiza do pensamento da filósofa para examinar, hodiernamente, o mundo infocrático, dominado por códigos digitais que afetam a política e todas as dimensões da vida planetária.

Palavras-chave: Alienação. Sociedade tecnodigital. Crise política. Mundo infocrático.

POLITICS IN THE TECHNODIGITAL SOCIETY AGE

Abstract:

The present research analyzes Hannah Arendt's thoughts about the alienation of human beings in modernity and the implications of this process in the political crisis that is occurring in the technodigital society in the current scenario. In addition to Arendt's theoretical contributions, Byung-Chul Han's appropriation of Arendt's thought will be hermeneutically explored. This article will examine the infocratic world, dominated by digital codes that affect politics and all dimensions of planetary life.

Keywords: Alienation. Technodigital society. Political crisis. Infocratic world.

A questão da técnica ocupa um lugar importante nos estudos da Filosofia Política, uma vez que ela não apenas pode direcionar o modo como os indivíduos se relacionam no e com o mundo, como também interfere na natureza e produz saberes e poderes. Contudo, suas invenções, processos, produtos e eixos de sustentação podem também criar paradigmas e novas realidades, as quais podem ser fecundas na justificação moral de ações cujo *telos* é o cuidado e a responsabilidade pelo mundo e pelo outro, a exemplo da produção de vacinas, mas ao mesmo tempo podem ameaçar a existência humana, não humana e a do próprio planeta², como o uso da inteligência artificial e da engenharia genética sem considerar os impactos éticos, ambientais,

¹ Pós-doutoranda no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Ceará. Bolsista CAPES. Professora de Filosofia no Instituto Federal do Piauí. Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: elivandaos@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-8688-9709>.

² Sobre o fato de a técnica ser submetida a considerações éticas, Hans Jonas, na obra *Técnica, medicina e ética*, no capítulo II, “porque a técnica moderna é objeto da ética”, mostra que a técnica, por ser “um exercício do poder humano, isto é, uma forma de ação[,] está sujeita [...] a uma avaliação moral” e que esse “mesmo poder pode ser utilizado para o bem e para o mal, e que em seu exercício se pode cumprir ou infringir normas éticas”, não podendo, portanto, prescindir de uma avaliação moral (JONAS, 2013, p. 51).

sociais e políticos. São esses dois polos que, de certo modo, entram em conflito e que tem como marco teórico uma filosofia da tecnologia³.

No livro *A condição humana*, Hannah Arendt analisa os eventos suplantados pelo advento da ciência e da tecnologia que estão na origem da moderna alienação do homem, isto é, a fuga “da terra para o Universo e do mundo para o si-mesmo [self]” (ARENDR, 2010, p. 7), a partir das transformações introduzidas pelos estágios da tecnologia – a invenção da máquina a vapor, passando pela eletricidade, até seu último estágio, a automação – no âmbito da vida ativa e das atividades que a constituem. A intenção da autora é compreender se o ser humano ainda é capaz de fazer uso da tecnologia sem se apartar do mundo e sem destruí-lo.

A discussão de todo o problema da tecnologia, isto é, da transformação da vida e do mundo pela introdução da máquina, vem estranhamente enveredando por uma concentração demasiado exclusiva no serviço ou desserviço que as máquinas prestam ao homem. [...] Assim, a questão não é tanto se somos senhores ou escravos de nossas máquinas, mas se estas ainda servem ao mundo e às coisas do mundo ou se, pelo contrário, elas e seus processos automáticos passaram a dominar e até mesmo a destruir o mundo e as coisas (ARENDR, 2010, p. 188-189).

O que é importante ser ressaltado nas análises da autora sobre o conhecimento científico-tecnológico da era moderna, que segundo a filósofa começou no século XVII e terminou no limiar do século XX, é sua preocupação com um mundo em que a permanência e a durabilidade das ações, os feitos e as palavras dos seres humanos sejam os critérios que mantêm o *élan* da vida e da existência, pois “a Terra é a própria quintessência da condição humana, e a natureza terrestre é a única no universo capaz de proporcionar aos seres humanos um habitat no qual eles podem mover-se e respirar sem nenhum artifício” (ARENDR, 2010, p. 4).

Arendt alertou que, se se perde a capacidade de adesão a um projeto tipicamente humanístico, que vincule o homem ao mundo comum, em razão de se ceder às ingerências e aos comandos da linguagem e aos signos tecnológicos, o resultado será que, em “lugar de utilidade e beleza, que são critérios mundanos, passaremos a produzir coisas que, embora ainda exerçam certas funções básicas, têm sua forma determinada primordialmente pela operação da máquina” (ARENDR, 2010, p. 189).

³ Na obra *Técnica, medicina e ética*, no capítulo I, intitulado “Porque a técnica moderna é objeto da Filosofia”, Hans Jonas é categórico ao dizer que, em virtude de a técnica ter avançado sobre as diversas dimensões da vida no planeta, ela se converteu em um problema central de toda a existência humana sobre a terra, tornando-se uma categoria central da Filosofia, de modo “que exista alguma coisa como uma filosofia da tecnologia” (JONAS, 2013, p. 25).

O maior desafio, como Arendt já havia antecipado, é que, se é assim que se deseja usar esse novo conhecimento científico e técnico, essa questão não pode ser decidida por meios técnico-científicos ou pelos representantes das gigantes da tecnologia. Deve, contudo, envolver toda a sociedade civil, as instituições políticas, as comunidades e os cidadãos, pois essa é uma discussão política de primeira grandeza. Portanto, não pode ser deixada a cientistas profissionais ou a políticos profissionais, ou aos donos das plataformas digitais e dos grandes aglomerados tecnológicos.

Este artigo tem como preocupação refletir sobre as contribuições de Hannah Arendt referentes ao modo como o modelo técnico-científico consolidado e operado na era moderna tornou possível a alienação do homem diante do mundo e como esse evento ainda se perpetua hoje em uma “era das não coisas” e de uma sociedade em que os homens se tornaram “infômatos”, como aponta o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2022). Em sua mais recente obra, *Não coisas: Reviravoltas do mundo da vida*, ele faz uma leitura bastante sofisticada de como o pensamento de Hannah Arendt ainda oferece categorias conceituais que permitem que se reflita sobre a relação entre tecnologia e política na era da civilização tecnológica ou de uma sociedade em rede.

Vale dizer, contudo, que a justificativa de nosso estudo não está simplesmente em explicitar o diagnóstico de Arendt sobre a moderna alienação do homem, uma vez que esse caminho exegético já foi fecundamente realizado (ALVES NETO, 2009; AGUIAR, 2009), mas, sim, em compreender a centralidade do conceito de técnica e de tecnologia no pensamento da autora para pensarmos a crise política hodiernamente em que o ser humano sucumbe e adere às fantasias de uma sociedade tecnológica que o controla algorítmicamente e cria para ele necessidades cuja função não é servir ao processo vital, mas torná-lo um autômato, incapaz de realizar ações que se prestam ao discurso e ao pensamento. Dito de outro modo, a importância do estudo é demonstrar, a partir do *corpus* da obra de Arendt, como suas teses sobre a tecnologia e seus dispositivos são essenciais para compreender um modo de vida que ultrapassou a discussão sobre a intervenção da técnica e do próprio domínio da natureza, como o que foi herdado da Revolução Industrial, rumo a uma sociedade na qual todos se tornaram “infomaníacos”. A informação, os processamentos, os dados e os signos algorítmicos são os constituintes de uma nova formação social, conforme esclarece Byung-Chul Han (2022), na leitura atualíssima que ele faz de Hannah Arendt

O problema que se pretende descortinar nesse artigo é quais são as implicações para a humanidade e para o mundo comum quando as coisas e os objetos que constituem o

mundo e os homens – atores políticos, capazes de ação e fala – são dominados por *infômatos*, ou seja, “atores do processamento” que não podem exercer nenhuma responsabilidade em cuidar do mundo. Dito de outro modo, deseja-se investigar como o diagnóstico arendtiano da alienação do homem frente ao mundo comum, impulsionada pela técnica e pela tecnologia na era moderna, oferece subsídios importantes para compreendermos uma nova realidade social que, ao fomentar uma linguagem algorítmica em plataformas em rede, edifica “bolhas digitais” que mitigam a possibilidade do convívio humano pela ação e pela palavra, exatamente porque criam “conteúdos” que, por serem tão fugazes e desprovidos de valores cívicos, não dão sentido à vida, não criam histórias que podem ser narradas, mas ao contrário fomentam a violência, a xenofobia, o racismo, a mentira deliberada, a solidão, a superfluidade humana, o sentimento de abandono e a instabilidade do mundo.

O que ocorre, como já havia antecipado Arendt em *Entre o passado e o Futuro*, é que quando o discurso e a comunicação são transformados em dados, em números, em linguagem matemática, o homem se vê obrigado “a renunciar à percepção sensorial e, por conseguinte, ao bom senso, através do qual coordenamos a percepção de nossos cinco sentidos na consciência total da realidade” (ARENDR, 2005, p. 327). Em virtude desse processo, passa a se compreender como um mero observador dos fenômenos que incidem sobre o universo e “a renunciar à linguagem normal, que mesmo em seus refinamentos conceituais mais elaborados continua inextricavelmente ligada ao mundo dos sentidos e ao nosso bom senso” (ARENDR, 2005, p. 328).

As mudanças na forma de pensar a relação entre tecnologia e política se operaram a partir da Revolução Científica do século XVII e se radicalizaram a partir de eventos propriamente modernos: a alienação da Terra e do mundo, a produção técnica da vida, a inviabilidade da tradução de verdades científicas em discurso, o divórcio entre o conhecimento técnico e o pensamento, o advento da automação e o aparecimento de uma sociedade sem trabalhadores. Tais mudanças apresentadas por Arendt influenciaram o aparecimento de uma nova mentalidade que não mais vincula o homem à Terra, seu habitat natural, mas o deslocou para uma infosfera: “hoje vivemos em uma infosfera, nos *comunicamos e interagimos* com os infômatos, e estes mesmos agem e reagem como atores (HAN, 2022, p. 16, grifos do autor).

Pode-se dizer que essa nova mentalidade técnica, que afeta todas as dimensões da vida, implica uma mudança na forma de compreender os fundamentos da política e os laços

sociais, daí a necessidade de perguntar sobre qual o lugar da política e dos atores políticos na civilização tecnológica atual. Ao esclarecer os processos que levaram à fragilização da política na modernidade, Arendt, segundo Odílio Aguiar, “antecipa em suas obras elementos importantes para a elucidação da trama urdida na modernidade e cujo resultado será a sociedade do conhecimento” (AGUIAR, 2009, p. 278). Nossa autora está atenta às mudanças da tríade moderna pensar-conhecer-saber nos contornos da produção do capitalismo, em que a ciência se torna refém, pois a ação é concebida como realizado pelo cientista. Segundo Aguiar (2009, p. 278), Arendt “nos oferece subsídios importantes para entendermos as mudanças que vão ocorrer na constituição do poder na sociedade da informática”.

De uma perspectiva hermenêutica, podemos dizer que a preocupação de Arendt é a de que, com a glorificação do conhecimento técnico-científico, os eventos propriamente humanos que dão permanência ao mundo – como a ação, a palavra, o discurso, a memória, a verdade factual, a amizade – são cada vez mais engolfados em um emaranhado de números, em uma rede de processamento de dados em que nada é tangível e durável. O advento da sociedade em rede e das ferramentas tecnológicas que a sustentam foi promovido pelo avanço global da internet, como perspicazmente diagnosticou o sociólogo Manuel Castells. Tudo o que é humano passa a ser controlado e dominado por supermáquinas que, ao processarem dados, criam falsas subjetividades, padrões de comportamentos uniformes e realidades fictícias que podem determinar o destino da humanidade.

Esse é o mesmo ponto de vista de Byung-Chul Han, no seu livro aqui já mencionado. Para ele, hoje o homem se encontra em uma transição da “era das coisas para a era das não coisas. Não as coisas, mas as informações determinam o mundo da vida. Nós não habitamos mais a terra e o céu, mas o Google Earth e Cloud. Nada é *palpável e tangível*” (HAN, 2022, p. 12, grifos do autor).

Em uma leitura bastante atual da obra de Arendt, Byung-Chul Han aponta para os riscos quando a *infocracia*, que é o novo modelo do capitalismo de informação contemporâneo, dita as normas de comportamento e o convívio das pessoas. Segundo o filósofo, nesse modo de vida, a obsessão não é mais com as coisas, mas com informações e dados, que em nada estabilizam a vida humana. Sobre esse risco, lembrando as teses de Arendt, ele comenta:

A ordem terrena, a ordem da terra, consiste em coisas que assumem uma forma duradoura e formam um ambiente estável para constituir morada. Elas são aquelas “coisas do mundo”, no sentido de Hannah Arendt, às quais se atribui a tarefa de “estabilizar a vida humana”. Elas lhe dão uma sustentação. Hoje a ordem terrena está sendo substituída pela ordem digital. A ordem digital *descoisifica* o mundo ao *informatizá-lo* (HAN, 2022, p. 11, grifos do autor).

Como, na sociedade em rede, tudo é processado em uma velocidade absurda, corre-se atrás de informações sem obter nenhum *saber*, toma-se ciência de tudo sem chegar a nenhum *conhecimento*: “O tsunami da informação coloca o próprio sistema cognitivo em desassossego. Informações não são uma unidade estável. Falta-lhes a consistência do ser” (HAN, 2022, p. 13). Ora, esse diagnóstico nada mais é do que o divórcio entre o conhecimento técnico e o pensamento, que Arendt já havia explicitado tanto em *A condição Humana* como em *A vida do espírito*.

Se for comprovado o divórcio entre conhecimento (no sentido moderno de conhecimento técnico [*know-know*]) e o pensamento, então passaríamos a ser, sem dúvida, escravos indefesos, não tanto de nossas máquinas quanto de nossos conhecimentos técnicos, criaturas desprovidas de pensamento à mercê de qualquer engenhoca tecnicamente possível, por mais mortífera que seja (ARENDRT, 2010, p. 4).

Arendt é bastante elucidativa quando defende que o pensamento vincula o homem ao mundo, dá sentido à realidade e ao contexto em que ele está imerso, enquanto “a ordem digital, numérica, é sem história e sem memória. Assim, ela fragmenta a vida (HAN, 2022, p. 18).

O que é mais perigoso, nessa nova era, é que o ser humano do futuro, que *curte*, que dá *like*, que torna o *smartphone* seu *playground* e infômato principal, corre o risco de desaprender a agir, de exercer sua autonomia, de ativar a faculdade do pensamento, pois as decisões acontecem em uma tela digital, por um toque, pelo acesso a plataformas e redes digitais. E a ação, que “é única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo” (ARENDRT, 2010, p. 8). Torna-se “um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência nas leis gerais do comportamento, se os homens não passam de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, cuja natureza ou essência fossem [como que] a mesma para todos e tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa” (ARENDRT, 2010, p. 9). É exatamente esse o alerta de Byung-Chul Han.

No mundo controlado algorítmicamente as pessoas perdem cada vez mais seu poder de ação, sua autonomia. Elas são confrontadas com um mundo que escapa à sua compreensão. Elas seguem decisões algorítmicas, mas não conseguem compreendê-las. Algoritmos se tornam caixas pretas. O mundo está perdido nas camadas profundas das redes neurais às quais os humanos não têm acesso (HAN, 2022, p. 20).

Hannah Arendt é enfática ao defender que a verdade de maior relevância para o terreno da política é a do tipo factual, ou seja, aquela erigida pela presença da pluralidade humana que, ao testemunhar um fato, galga-o ao patamar de verdade. Assim, a verdade factual tem uma grande importância para os assuntos públicos, na medida em que é sobre o solo dos eventos e dos fatos ocorridos que se pode emitir opinião, ou seja, a perspectiva em relação ao mundo. Ocorre que, na era da sociedade tecnodigital:

O rápido aumento da entropia informacional, ou seja, do caos informativo, está nos mergulhando em uma sociedade pós-factual. A distinção entre verdadeiro e falso está sendo nivelada. As informações agora circulam sem nenhuma referência à realidade em um espaço hiper-real. *Fake news* também são informações que possivelmente são mais eficazes do que fatos. O que conta é o *efeito a curto prazo*. A efetividade substitui a verdade (HAN, 2022, p. 21-22, grifos do autor).

A discussão sobre os fundamentos e o *modus operandi* da tecnologia em Arendt não se justificam por qualquer tipo de aversão da autora. Essa discussão está no centro de sua obra, porque desde a era moderna até os dias atuais a técnica se apressa em apresentar aos seres humanos máquinas, dispositivos e ferramentas que lhes prometem progresso, mas a custo da perda de sua liberdade, da capacidade de ação e de pensamento. Portanto, mais do que uma crítica ou um julgamento apressado, o que lhe interessa é como a técnica envolve os eventos, os fatos e os feitos humanos que dão sustentação à existência na Terra e que, portanto, tornam o mundo um lugar adequado para se viver, inclusive no caso das novas gerações. É por isso que, para Arendt, segundo as ponderações de Byung-Chul Han, “não só as coisas do mundo, mas também a verdade tem de estabilizar a vida humana”, ou seja, “em contraste com a informação [digital-processual], a verdade possui uma *solidez de ser*”, uma vez que “ela se caracteriza pela duração e permanência. *Verdade é facticidade*⁴” (HAN, 2022, p. 21, grifos do autor). Como a verdade só ocorre com as trocas de experiências, com a presença do outro, e não no *touchscreen*, “ela resiste a todas as mudanças de manipulações. Assim, ela constitui o fundamento da existência humana” e do mundo comum (HAN, 2022, p. 21, grifos do autor). Nas palavras de Arendt:

Para que se tornem coisas mundanas, isto é, feitos, fatos, eventos e modelos de pensamentos ou ideias, [ação e discurso] devem primeiro ser vistos, ouvidos e lembrados, e então transformados em coisas, reificados, por assim dizer – em recital de poesia, na página escrita ou no livro impresso, em pintura ou escultura, em algum

⁴ Segundo nossa autora, “a época moderna, que acredita que a verdade não é dada nem revelada, mas produzida pela mente humana, designou, desde Leibniz, as verdades matemáticas, científica filosófica como espécies da verdade racional, distintas da verdade factual” (ARENDR, 1961, p. 231).

tipo de registro, documento ou monumento. Todo o mundo factual dos assuntos humanos depende, para sua realidade e existência contínua, em primeiro lugar, da presença de outros que tenham visto e ouvido e que se lembram; e, em segundo lugar, da transformação do intangível na tangibilidade das coisas. Sem a lembrança e sem a reificação de que a lembrança necessita para sua realização – e que realmente a torna, como afirmavam os gregos, a mãe de todas as artes –, as atividades vivas da ação, do discurso e do pensamento perderiam sua realidade, ao fim de cada processo, e desapareceriam como se nunca houvessem existido (ARENDRT, 2010, p. 117).

Tudo o que comporta a beleza do imprevisível é exatamente o contrário do tempo da tecnologia e de como opera sua engenharia, que cria e manipula realidades, atrofia o pensamento, programa comportamentos, transforma a relação com a natureza, com o trabalho, com a política e o convívio humano, pois o que interessa em todo esse império lógico-instrumental, que é financiada pelo capitalismo e o serve, é cooptar subjetividades para manter o consumo, a produção, a acumulação e conseqüentemente o lucro. Conforme Arendt (2015, p. 16),

[A verdade factual] está sempre correndo o risco de ser perfurada por uma única mentira ou despedaçada pela mentira organizada de grupos, países ou classes, ou negada e distorcida, muitas vezes cuidadosamente acobertada por calhamaços de mentiras, ou simplesmente autorizada a cair no esquecimento. Fatos necessitam de testemunhos para serem lembrados, e de testemunhas confiáveis para serem oficializados, de modo a encontrar um lugar seguro para habitar o domínio dos interesses humanos

211

Esse parece ser o ponto de vista dos pesquisadores Rocha, Rubiano, Farias Júnior que escreveram juntos *Temporalidades de exceção*. Um estudo brilhante e provocativo, que expõe a nu a configuração do tempo insano da tecnologia, que não comporta mais a contemplação de um pôr do sol ou simplesmente o acordar, sem uma primeira consulta nas plataformas digitais. É esse desatino que nos revela que vivemos no capitalismo da emoção. Todo o tempo, todas as ações, todos os gestos só devem ser empregados se a meta for alcançar mais produtividade e desempenho.

No entanto, o manejo e a cooptação de subjetividades não apenas alcança a esfera privada do cotidiano de cidadãos comuns, embora eles sejam a primeira isca de todo esse aparato tecnológico. A esfera pública também é engolfada nesse sistema tecnoneoliberal, transformando a concepção de poder. Governos, políticos e parlamentares, especialmente os de retórica e comportamentos de cunho extremista, são capazes, na urgência de permanecer no centro do poder, de confundir os membros da sociedade civil com a construção de um cenário de mentira e propagação de violência que se distancia radicalmente de qualquer projeto político

que se sustenta em princípios democráticos. No jogo político que se desenvolve com o uso das engrenagens da maquinaria tecnológica, a informação não precisa corresponder à realidade ou ter relação com a memória; o importante é que ela seja replicada rapidamente e interpretada como a verdade do momento.

A digitalização do mundo da vida avança inexoravelmente. Isso está mudando radicalmente nossa percepção, nossa relação com o mundo e nossa vida em comunidade. O frenesi da comunicação e da informação é estonteante. O tsunami de informações está desencadeando forças destrutivas. E isso também tem tomado conta do mundo da política, criando enormes linhas de falha e perturbações nos processos democráticos. A democracia está degenerando em infocracy (HAN, 2022, p. 18).

No mundo infocrático, a teia de relações da realidade factual é substituída pela sociedade da imagem, do artifício dos filtros, do desempenho, da mentira organizada, e tudo é controlado pela rede dos *big data*, que nada mais são do que conhecimentos em números e códigos oferecidos pelos próprios usuários e manipulados, monetarizados e comercializados, para fins outros, que não o do bem público. Nesse cenário, o alerta de Arendt (2015, p. 17): de que “Verdade ou falsidade – já não importa mais o que seja, se sua vida depende de você agir como se acreditasse; a verdade digna de confiança desapareceu por completo da vida pública, e com ela o principal fator de estabilização nos cambiantes assuntos dos homens” tornou-se a posta principal dos oligopolistas de uma democracia *infocracy*.

212

Considerações Finais

O que se propôs nessa reflexão foi “pensar o que estamos fazendo”, quando a técnica se torna tão poderosa que ameaça as fronteiras e os pressupostos da condição humana e da própria humanidade. O que Arendt de maneira reiterada adverte é em relação ao uso irrefletido da tecnologia que, ao fomentar condições que inviabilizam ao ser humano “parar-para-pensar”, alija-o no interior do seu próprio eu, afastando-o do espaço público, do convívio com seus pares, que se estabelece pelo diálogo constante e pelas ações que nos tornam singulares, e não nos acessos, comentários e curtidas das plataformas digitais, ou ainda nos embustes “científicos” criados pelo ChatGPT. Há o risco de definitivamente sucumbirmos às promessas de progresso e inovação vendidas pelos chips, pelos códigos, pelas linguagens de programação e pelos comandos lógico-matemáticos dos serviços das grandes gigantes de tecnologia do Norte global. Nesse contexto, o Vale do Silício é o polo industrial tecnológico de

potência máxima na manutenção dessa *Infocracy*, como denominou Byung-Chul Han, que controla, disciplina e manipula subjetividades. Se o risco se efetivar, parece então que a era das *não coisas* veio para ficar e destituir-nos dos traços aos quais, em momentos de grandes crises, ainda recorreremos para agir com mundanidade.

Porém, mesmo diante desse novo *modus operandi* da tecnologia – pautado pelo lucro, pela ganância, pela vigilância, pelo apequenamento das relações sociais, pela proliferação de mentiras, pelo desprezo pelo mundo comum –, Arendt insiste na permanência dos fatos humanos, que são a matéria-prima da existência, e defende que, “por maior que seja a rede de falsidade que um experimentado mentiroso tenha a oferecer, ela nunca será suficientemente grande para cobrir toda a imensidão dos fatos, mesmo com a ajuda de um computador” (ARENDR, 2015, p. 16).

Referências

AGUIAR, Odílio Alves. **Filosofia, Política e Ética em Hannah Arendt**. Fortaleza: Editora Unijuí, 2009.

ALVES NETO, Rodrigo Ribeiro. **Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt**. São Paulo: Loyola, 2009.

ARENDR, H. **A Condição Humana**. Trad. R. Raposo (revisão técnica de Adriano Correia). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro B. de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ARENDR, Hannah. **Crises da República**. Tradução de José Volkmann. 2ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede** Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

JONAS, Hans. **Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade**. Trad. do Grupo de trabalho Hans Jonas (Anpof). São Paulo: Paulus, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Infocracy: Digitization and the Crisis of Democracy**. New York: Polity Press, 2022.

HAN, Byung-Chul **Não coisas: Reviravoltas do mundo da vida**. Tradução de Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

ROCHA, Alexandrina Paiva da; JÚNIOR, João Batista Farias; RUBIANO, Mariana de Mattos. **Temporalidades de exceção**. Teresina, PI: Editora do IFPI, 2022.